

**FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA
DO BRASIL (CPDOC)**

Proibida a publicação no todo ou em parte; permitida a citação. A citação deve ser fiel à gravação, com indicação de fonte conforme abaixo.

ZAMBONI, Danilo . Danilo Zamboni (depoimento, 2014). Rio de Janeiro, CPDOC/Fundação Getulio Vargas (FGV), (1h 25min).

Esta entrevista foi realizada na vigência do convênio entre MUSEU DO FUTEBOL e FUNDAÇÃO DE AMPARO À PESQUISA DO ESTADO DE SÃO PAULO (FAPESP). É obrigatório o crédito às instituições mencionadas.

**Danilo Zamboni
(depoimento, 2014)**

Rio de Janeiro

2019

Ficha Técnica

Tipo de entrevista: História de vida

Entrevistador(es): Bernardo Buarque de Hollanda; Bruna Gottardo;

Pesquisa e elaboração do roteiro: Raphael Piva Favalli Favero;

Técnico de gravação: Carolina Soares Pires;

Local: São Paulo - SP - Brasil;

Data: 13/11/2014 a 13/11/2014

Duração: 1h 25min

Arquivo digital - áudio: 2; Arquivo digital - vídeo: 2; MiniDV: 2;

Entrevista realizada no contexto do projeto “Territórios do Torcer - uma análise quantitativa e qualitativa das associações de torcedores de futebol na cidade de São Paulo” desenvolvido pelo CPDOC em convênio com o Museu do Futebol e financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), entre março de 2014 e fevereiro de 2015. O projeto visa, a partir dos depoimentos cedidos, a publicação de um livro e a edição de um filme documentário sobre o tema.

Temas: Agradecimentos; Anos 1970; Anos 1990; Atividade profissional; Discriminação racial; Discriminação sexual; Esportes; Família; Formação acadêmica; Formação escolar; Golpe de 1964; Imprensa; Infância; Itália; Japão; Polícia; Política; São Paulo; São Paulo Futebol Clube ; Torcidas de futebol; Viagens e visitas; Violência;

Sumário

Entrevista: 13.11.2014 Apresentações iniciais; a família de imigrantes italianos e a relação do pai com o São Paulo Futebol Clube e com a Torcida Uniformizada do São Paulo (Tusp); a criação da Torcida Tricolor Independente no período da ditadura militar; a infância, formação escolar e formação acadêmica; a conciliação entre trabalho e torcida; a relação com a Torcida Tricolor Independente; o período da fundação da Independente; a torcedora símbolo do São Paulo, “Filhinha”; o processo de separação da Tusp; o papel das torcidas organizadas; o início da estruturação da Independente; os jogos marcantes dos anos 1970; a Associação das Torcidas Organizadas do Estado de São Paulo (ATOESP); a violência e a repressão policial nos estádios; as sub-sedes dos São Paulo; a Independente nos anos 1980; o episódio da briga entre São Paulo e Sport Club Corinthians Paulista no Estádio Nicolau Alayon, do Nacional Atlético Clube (SP) no começo dos anos 1990; a relação da Independente com outras torcidas; opiniões sobre a torcida única e sobre a segurança nos estádios; a questão do racismo, homofobia, hooligans; Hinchadas, movimentos separatistas e movimentos ultra nas torcidas; a experiência no Mundial de Tóquio; os ídolos da torcida e a relação com os jogadores; o bandeirão de Rogério Ceni; o perfil de torcedor da Independente; as disputas internas pelo poder na Independente; análise e opiniões sobre a imprensa; a Confederação Nacional das Torcidas Organizadas (Conatorg) e a atuação voluntária em mediação de conflitos de torcidas do estado; a aproximação do Ministério do Esporte; a construção das alianças da Independente com outras torcidas; a atuação como diretor do Carnaval da Escola de Samba Independente; a relação com o carnaval; o processo de elitização do futebol; opiniões sobre atuação política da torcida e as candidaturas da Independente; agradecimentos finais.

Entrevista: 13/11/2014

B.B. – Boa tarde.

D.Z. – Boa tarde.

B.B. – Nós estamos aqui na sede da Torcida Independente, no depoimento, a gravação com Danilo Zamboni, que é um dos fundadores da Torcida Independente. Esse é um projeto chamado Territórios do Torcer, que é uma parceria entre a Fundação Getulio Vargas e o Museu do Futebol. Primeiramente, Danilo, muito obrigado por nos receber. Eu sou Bernardo Buarque, eu vou estar junto com a Bruna Gottardo gravando esse depoimento. Então, muito obrigado por nos receber aqui na sede da sua torcida. Eu gostaria de começar sabendo da sua data de nascimento e local. Você é natural aqui de São Paulo?

D.Z. – Em primeiro lugar, uma boa tarde a todos. Sejam bem-vindos à Torcida Independente, a maior família tricolor do Brasil, fundada em 17 de abril de 1972 por um grupo de jovens idealistas, onde acreditavam nas mudanças do mundo. Sou paulistano, 52 anos, fundador dessa entidade, e eu tenho a honra de, até nos dias de hoje, estar representando a Torcida Independente.

B.B. – Fala um pouquinho dos seus pais, até que período que você estudou, onde você cresceu, em que bairro você cresceu.

D.Z. – Eu vou falar pelos meus heróis. Meu pai é Antonio Zamboni, de família italiana, vieram da Itália para o interior do estado de São Paulo, para trabalhar na lavoura, aonde criaram seus filhos e estudaram seus filhos. Infelizmente, falecido, meu pai. Minha mãe, Nelly Bassi Zamboni, uma mulher guerreira, forte, que também é de origem italiana, que também vieram da Itália, mais ou menos naquela linha do *Terra Nostra*, que uma rede de televisão mostrou. E o importante é que sempre ensinaram o caminho certo, o caminho correto, o caminho de respeito ao ser humano. Infelizmente, também falecida. Meus avós, também da Itália, da região de Rovigo, próximo a Veneza, e vieram para São Paulo. Aí meu pai, vindo do interior do estado de São Paulo para cá, da cidade de Jaboticabal, começou a ir aos jogos do São Paulo no

Pacaembu, jovem ainda, e aí ele pegou amor ao São Paulo Futebol Clube, e que no qual me colocou nessa linha, me levando no estádio desde garotinho, desde os primeiros anos, desde... com 3 anos ou 4 anos, eu já frequentava estádio; sendo que com 10 anos de idade eu iniciei minha caminhada aqui na Torcida Independente. Meu pai era sócio da Tusp (Torcida Uniformizada do São Paulo), onde foi... a pioneira no Brasil – foi fundada no final dos anos 1940, anos 1950 –, e no qual, devido às mudanças do mundo, os países estavam em processo de independência, e aí foi criada e fundada, idealizada a Torcida Tricolor Independente. Ela queria ser independente do clube, do São Paulo Futebol Clube, que já tinha uma torcida oficial na época, que era a Tusp (Torcida Uniformizada do São Paulo), e baseado nesses processos de mudança do mundo, indo pró-repressão, época da ditadura militar, então, a Independente começou com uma torcida diferente, uma torcida com um ideal. A torcida organizada é um tripé de três coisas fundamentais: ideologia, comprometimento e união. Nesses 42 anos de vida da nossa instituição, que começou com muita dificuldade, nós passamos por um processo de muita discriminação, muita intolerância. E, graças a Deus, a gente conseguiu superar. Hoje nós somos a maior família tricolor do Brasil, com mais de 80 mil associados, que no qual é uma família que também tem problemas, como qualquer outra qualquer, mas o mais importante é o grau de amizade e de união que tem essa família, porque já passamos por inúmeras dificuldades. Hoje nós temos uma Jovem, com jovens na frente da torcida, mesclando com um pessoal de maior experiência. Mas o importante é que aquela semente que foi plantada no ano de 1972 está viva, está muito forte até hoje, em 2014.

B.B. – Então você nasceu em 1962.

D.Z. – Em 1962, na época da ditadura militar, que era terrível, porque existia até um toque de recolher. A gente, jovem, gostava de jogar bola na rua, e próximo da minha residência, que era na Barra Funda, tinha um quartel do Exército, então a gente jogava bola entre os tambores, porque eles fechavam a rua à noite, devido ao problema de terrorismo, uma série de coisas, e quando chegava por volta de 20h30 ou 21 horas, todo mundo tinha que se recolher em casa. E era uma época muito difícil, uma época muito dura. E foi aí que as primeiras torcidas organizadas – que na época eram uniformizadas, e se tornaram organizadas – começaram esse processo, nos outros clubes e no São Paulo Futebol Clube.

B.B. – Isso nessa transição dos anos 1960 para os anos 1970.

D.Z. – No final dos anos 1960: em 1969, 1970, 1971 e 1972. São as grandes torcidas aqui do estado de São Paulo.

B.B. – E aí você estudou até que série? Como é que [inaudível]?

D.Z. – Eu estudei num colégio no bairro da Barra Funda, Alarico Silveira¹, um colégio da rede pública; depois fui estudar no Casa Pia São Vicente de Paulo², que era um colégio de freiras no bairro de Santa Cecília, divisa com Higienópolis; e depois cheguei à faculdade, e fiz faculdade na [Universidade] Anhembi Morumbi, no bairro da Vila Olímpia, onde eu fiz administração de empresas, e também sou formado na área de produção de rádio e TV.

B.B. – Sim, sim. Então, hoje, você trabalha...

D.Z. – Eu trabalho num cartório. Hoje, eu tenho a missão de unir famílias, sou juiz de casamento – estou trabalhando no cartório do Pari –, que é uma honra muito grande. É um cargo de nomeação do governo do estado, onde você representa o estado nos casamentos no cartório de registro civil.

B.B. – Mas você conseguiu, ao longo da sua vida, conciliar o trabalho com a Torcida?

D.Z. – Sim. Na realidade, o meu primeiro trabalho, eu iniciei no ramo de gráfica. Meu pai foi tipógrafo, foi gráfico, no bairro da Barra Funda, e lá que eu comecei a tomar gosto pela mídia, pela escrita, por tudo. E aí foi o grande *boom*, porque aí eu conheci a família Torcida Independente, e que no qual, hoje, é minha única família. Porque, infelizmente, toda a minha família sanguínea, já faleceram todos: meus pais, meus avós e meus tios. Tenho alguns primos distantes. E hoje a minha verdadeira família é a família da Torcida Tricolor Independente, onde eu considero todos meus irmãos: o associado que adentrar nessa sede, entrando hoje, eu já considero ele meu irmão. E isso aí que a gente quer **que tenha...** [inaudível] tempo, da nossa

¹ Escola Estadual Doutor Alarico Silveira.

² Externato Casa Pia São Vicente de Paulo.

fundação, a gente tem essa obrigação de receber o pessoal bem e fazer um trabalho para que eles se sintam em casa. Esse é o maior objetivo. A torcida organizada é uma coisa muito importante. Na sua grande maioria, é formado de famílias e pessoas do bem. Infelizmente, existem pessoas que desvirtuam. Muitas vezes, o cara não respeita o pai e a mãe; você acha que ele vai respeitar uma liderança, uma diretoria de torcida? Então é muito difícil. Então eu acho que isso está dentro de cada um. Eu, por exemplo, estou há 42 anos em torcida organizada e não me arrependo nenhum instante e honro essa família.

B.B. – Então, em 1972, no ano da fundação da Torcida, você tinha 10 anos, o São Paulo já jogava no Morumbi, já era o estádio... Começou a ser construído em 1951...

D.Z. – Sim.

B.B. – Mas a sua inauguração completa foi em 1970. Você tinha 10 anos. O que você lembra desse período de fundação? Quem estava à frente? Como foi o processo jurídico que resultou da cisão com a Tusp?

D.Z. – Foi uma época de muito saudosismo. Antigamente o futebol era sério. Hoje em dia eu tenho muita dúvida em relação a isso, pelas pessoas que comandam o futebol. O futebol cresceu muito. Naquela época, nós tínhamos pessoas seríssimas à frente dos clubes, das instituições: nós tínhamos o nosso patrono Laudo Natel, que foi até governador do estado; nós tínhamos o Manoel Raymundo Paes de Almeida; nós tínhamos o general Porfírio da Paz. Então, para vocês terem uma ideia, as torcidas uniformizadas nasceram dentro dos próprios clubes. Há pessoa que negue isso hoje, mas elas nasceram e foram criadas dentro dos próprios clubes de futebol, então, portanto, são filhos daquela fundação. Então é muito importante frisar isso. Tenho grandes amigos em outros clubes, em outras torcidas, aonde eu considero... Todos eles são baluartes, são guerreiros, porque levaram à frente esse projeto até hoje. Hoje em dia não têm muitos em atividade, mas têm ainda pessoas, ainda, que estão à frente de algumas organizações.

B.B. – Você mencionou alguns nomes. Nos anos 1950 e 1960, ficou muito conhecida uma torcedora símbolo do São Paulo...

D.Z. – A Filhinha?

B.B. – A Filhinha.

D.Z. – Conheci ela. Tive o prazer e a honra de conhecê-la. Realmente, era uma pessoa que doou a sua vida para o São Paulo Futebol Clube, e é uma pessoa que eu lembro com muito carinho, porque ela era uma mulher de fibra, de força. Me lembro. Até me emociono de lembrar dela.

B.B. – Então, como é que foi a separação da Tusp? De onde veio essa motivação? Quem, à época, estava na frente da Tusp? E por que vocês decidiram romper?

D.Z. – Na realidade, a Tusp era uma torcida oficial do São Paulo Futebol Clube. Ela era mantida pelo clube. E houve uma caravana, uma excursão da Libertadores da América para o Paraguai, onde que a maioria dos torcedores, que foram nessa caravana de ônibus – porque na época se usava pouco avião, se utilizava mais o ônibus –, eles ficaram em hospedarias, em pequenos hotéis, sendo que a diretoria da Tusp estava em hotéis que, para a época, eram considerados hotéis de luxo. Então houve uma grande discrepância entre a direção da torcida e aqueles associados da Tusp. E um grupo que estava nessa caravana em Assunción, no Paraguai, resolveu dar um basta naquilo, porque eram jovens idealistas. Falaram: “Nós não concordamos com isso. Nós queremos fundar uma torcida, então, que seja independente do clube, associado aos movimentos de independência do mundo”. Por isso que foi escolhido o nome Torcida Tricolor Independente. E aí, no final do ano de 1971, comezinho de 1972 – precisamente, entre março e abril de 1972 –, um grupo de jovens idealistas se reuniram aqui no Largo do Paissandu e também na Galeria Guatapará, aqui nas proximidades, e resolveram fundar a Torcida Independente, que no qual o Newton Ribeiro foi o nosso fundador, o nosso sócio 001; Rinaldo Cardoso Leite; tem o Turiassu; tem o Danilo Zamboni... Nós temos vários associados da época antiga; até chegando hoje na atual geração da Torcida Independente, que é o nosso presidente, o Ricardo Maia, conhecido como Negão; o Henrique Gomes, o Baby, que é o vice-presidente. E temos, ainda, também, um trabalho muito forte não só na Torcida como na escola de samba,

que o Batata³ é o presidente da Escola de Samba Independente e também foi presidente da Torcida.

B.B. – Então, antes da Torcida Independente, não havia nenhuma outra torcida, além da Tusp?

D.Z. – Não.

B.B. – Era uma torcida única.

D.Z. – No São Paulo... Cada clube tinha uma torcida predominante. No São Paulo era a Tusp (Torcida Uniformizada do São Paulo). E no mês de abril foi fundada a Torcida Independente, uma ruptura total com os padrões da época, e a gente sofreu muito com isso: preconceito, intolerância por parte das autoridades, que até hoje não muda muito. Mudou um pouco isso, mas até hoje existe uma intolerância grande em relação aos grupos organizados, nesse país. E, hoje, uma torcida organizada é uma força viva da comunidade, ela tem corpo, ela tem voz, ela tem um direcionamento. Só que, muitas vezes, ela não é ouvida. Muitas vezes, ela é usada. Mas o grande objetivo disso é o nosso amor que nós temos pelo nosso clube, o São Paulo Futebol Clube, que é a razão da nossa existência, e também pela nossa instituição, que no qual eu vi nascer, crescer e, com certeza, irei morrer aqui dentro.

B.G. – Danilo, você fala que esse grupo de jovens resolveu fazer uma torcida para ser independente. Qual que é a dependência que a Tusp tinha?

D.Z. – Total. A Tusp era uma torcida do São Paulo Futebol Clube, então, ela tinha que seguir normas e critérios do clube.

B.B. – A Independente não tinha associados do clube, não tinha sócios do clube?

D.Z. – Até hoje a Independente tem pouquíssimos sócios do clube. A Independente nunca foi de se envolver na política do clube. Torcida organizada é um órgão fiscalizador, sim, só que o

³ Alessandro Oliveira Santana.

maior papel dela é na arquibancada, aonde ela tem que torcer, tem que elogiar, tem que prestigiar o time, tanto na baixa como na alta. O torcedor, muitas vezes, de uma forma geral, ele é covarde, porque ele não apoia o clube na hora mais difícil, ele dá as costas, diferentemente da torcida organizada. A torcida organizada está na chuva, no sol, no frio, nos jogos no interior do estado, em outros estados e no mundo...

B.B. – Fora do país.

D.Z. – ...representando uma organização, uma instituição, que é o São Paulo Futebol Clube. É por isso que eu defendo ferrenhamente as torcidas organizadas, porque elas nasceram de um fruto de um idealismo, e tudo aquilo que tem idealismo prossegue. Já passamos por várias diretorias, vários presidentes, mas o importante é que a chama está viva. Sempre, quando o pessoal cai num marasmo, num descrédito, vem aquela força e fala: “Espera aí, eu preciso fazer isso”. Eu lembro muito bem, no começo dos anos 1970, que a gente parava nos acostamentos, nas rodovias, para cortar o nosso bambu, nas touceiras de bambu, para fazer o mastro de bandeira. A gente, quando ia ao interior do estado, parava, assim... e a gente pegava. Então foi muito difícil o nosso começo. Foi uma luta muito árdua, para a gente chegar aonde chegou. Graças a Deus, hoje, nós deixamos um legado para essa rapaziada mais nova, para esses irmãos nossos, para dar continuidade. Então, como eu disse anteriormente, eu nasci, eu vivo e vou morrer dentro de uma torcida organizada.

B.B. – Quando você começou a viajar com a torcida, a se engajar, já nos anos 1970 você...?

D.Z. – Nos anos 1970, bem garotinho, com meu pai. Com meu pai, até aconteceu uma coisa engraçada.

B.B. – Ele não foi para a Independente?

D.Z. – Foi para a Independente. Porque é o seguinte, a Independente, para a época, ela era uma torcida diferente, então, ela começou a agregar muita gente. Então, como eu comecei a frequentar a Independente – meu pai ficava na Tusp –, aí meu pai começou a pegar amizade com o pessoal da Independente, porque eram são-paulinos, e depois veio a fazer parte da

Independente e ser até, nos primeiros anos, um mantenedor, que colaborava para fazer os impressos, o *São-Paulino Amigo*. A gente, para captar os primeiros associados, nós entregávamos panfletos na arquibancada, convocando o torcedor do São Paulo a se tornar sócio da Independente, e meu pai, como era gráfico, tinha uma gráfica, começou a bancar esses impressos. Foi aí, no final dos anos 1970 e começo dos anos 1980, que nós compramos a nossa primeira sala. Um grupo de 12 pessoas se reuniu, no qual, sem presunção alguma, eu sou um deles, e nós adquirimos a primeira sala aqui na galeria.

B.B. – Nessa mesma galeria?

D.Z. – Então foi a primeira torcida organizada do Brasil que teve uma sede própria comprada; não aquelas que são oriundas da prefeitura, como uma concessão por um período, como hoje têm algumas que têm, e que no qual nós estamos buscando a nossa até hoje. Nós temos sede própria, mas não temos, ainda, um espaço para desenvolver nossas atividades. Hoje as nossas atividades são desenvolvidas aqui no Largo do Paissandu, que é o nosso território, a gente sempre fala isso, e também na quadra, aonde a gente realiza os ensaios da escola de samba. Porque nós estamos agora no Grupo de Acesso, um desfile do Grupo Especial do Carnaval de São Paulo.

B.B. – Muitas torcidas tinham apenas... Elas ocupavam salas dentro do estádio.

D.Z. – Sim.

B.B. – Era uma coisa ainda bastante amadora, porque não tinha uma estrutura.

D.Z. – Exatamente. Inclusive nós tínhamos uma sala dentro do Morumbi, aonde nós guardávamos nossos instrumentos de percussão, nossas bandeiras, nossas faixas, mas aí, no final dos anos 1990, começo dos anos 2000, o São Paulo cortou essa sala. Então, aí a gente não teve mais esse apoio, nós começamos a guardar em outras salas que a gente tem aqui.

B.B. – Em 1970 até anos 1980, a gente tinha grandes multidões nos estádios, o Morumbi com 110 mil pessoas 120 mil...

D.Z. – Cento e trinta mil...

B.B. – Que jogo mais te marcou, dos anos 1970, que você lembre? O São Paulo foi campeão brasileiro. O que você...?

D.Z. – O São Paulo... Os jogos que mais me marcaram foram os jogos da Libertadores, com os times argentinos, aonde o São Paulo se sagrou campeão, bicampeão da Libertadores. Foram jogos que marcaram muito. Porque o torcedor são-paulino é apaixonado por Libertadores. Nós fomos tricampeão sul-americano, tricampeão mundial e seis vezes campeão brasileiro. Campeão paulista, a gente já perdeu a conta. Mas é importante que o São Paulo é considerado o clube soberano, é um clube que teve sempre uma diretoria forte, uma administração muito presente e que nos honra muito ser torcedor do São Paulo.

B.B. – Na virada dos anos 1970 para os anos 1980, a gente encontra em jornais referências a uma associação de torcidas do estado de São Paulo chamada ATOESP.

D.Z. – Conheci. Particpei inclusive.

B.B. – Você teve alguma participação?

D.Z. – Tive. Eu cheguei a ser secretário da ATOESP – Associação das Torcidas Organizadas do Estado de São Paulo. Infelizmente, infelizmente, por motivo de ego, vaidade pessoal, esse projeto não foi levado à frente. Foi aí no final dos anos 1980 que começaram os primeiros confrontos, as primeiras brigas, no qual, muitas vezes, as torcidas têm culpa, sim. A gente tem que assumir a culpa. Mas culpa maior foi a impunidade das autoridades, de não se punir os verdadeiros culpados. Porque o que faz a violência é a falta de prevenção e a impunidade. Hoje em dia o Ministério Público faz um trabalho muito forte, na pessoa do promotor Paulo Castilho, que teve como seu antecessor dr. Eder do Lago, hoje procurador de justiça, mas foi promotor. Faz um trabalho muito importante. Acho que o problema fundamental... Você tem que desarmar o ser humano. O problema começa desde lá na... de casa. Você começa a desarmar o ser humano na casa, na instrução dele. E depois, um trabalho que eu acho que é muito falho é

o trabalho de prevenção. Quem organiza o futebol deveria cuidar o futebol com o maior carinho, com o maior respeito, e trazer, nesse entorno, as pessoas que realmente conhecem essa problemática. Hoje em dia você vê muitas pessoas que são pessoas de gabinete, que não têm o mínimo trato para com as coisas do futebol. Cada um na sua, cada um no seu pedaço, no seu quadrado. Por exemplo, a torcida organizada jamais pode ficar ausente da elaboração de tudo que acontece, porque ela faz parte. Hoje, ela que faz a festa nos estádios. Você vê nas chamadas das grandes redes de televisão, eles mostram o jogador e mostram a torcida.

B.B. – Porque eles precisam da torcida.

D.Z. – Precisam da torcida. E quando a torcida é parceira, é importante. É isso que eu cobro muito do torcedor, ele apoiar na alta e na baixa. Essa é a verdadeira função de um torcedor. Nós não queremos esse torcedor só do *pay-per-view* e o pessoal do sofá. Nós queremos aquele torcedor que vá lá, ajude o clube, vá para a arquibancada, grite os 90 minutos, apoie. No final, se não for bem, proteste, vaie. Faz parte. Mas aquele torcedor que vai, que compra seu ingresso, o torcedor organizado, que faz parte desse contexto todo, ele tem que ser respeitado. E muitas vezes ele não é respeitado. Ainda existe um problema muito sério, nos dias de hoje, de repressão policial.

B.B. – Tem a ver também com os próprios deslocamentos, porque quando você vai ver um jogo fora, aí você é recebido por um policial que recebeu um estímulo.

D.Z. – O deslocamento com a presença policial é muito importante, eu vejo isso com bons olhos, porque se trata de um trabalho de prevenção. Mas a partir do momento desse trato direto do policial com o torcedor, não é bom. Normalmente, os comandantes de batalhão fazem um trabalho muito sério, mas, muitas vezes, a tropa não assimila. Ele encara o torcedor como um inimigo, então, a abordagem já começa de uma forma violenta.

B.B. – Hostil.

D.Z. – Hostil. Por exemplo, não precisa você só usar uma camisa de torcida organizada; você como um torcedor comum. A gente viaja o Brasil inteiro, o mundo inteiro, o Brasil ainda é

muito melhor do que em outros países. Eu já visitei a Europa, já visitei a América do Sul, até o Japão. A violência, por exemplo, na América do Sul, é muito maior do que no Brasil. Um clássico, por exemplo, na Argentina, ela toma proporções de violência muito maior do que aqui no Brasil.

B.B. – Na Turquia, a rivalidade dos...

D.Z. – Nossa!

B.B. – Em Istambul, mesmo, três grandes clubes...

D.Z. – Os caras se matam com faca, com estilete, dentro do estádio. Coisa que, graças a Deus, aqui não acontece. Já não vem acontecendo há algum tempo. Hoje, o problema das brigas, da confusão, elas ficam mais nos bares afastados, por grupos que estão se deslocando para ir para o estádio, que no qual as torcidas têm feito um trabalho para reprimir isso, também. Só que nós não temos um poder de polícia. Nós, aqui, quando um associado vem aqui, nós pedimos a cédula de identidade dele, ele pega, faz a sua inscrição, deixa uma cópia do documento dele, e a partir daí ele vai ser sócio. Só que nós passamos para ele o que é uma torcida organizada, qual é o seu objetivo, qual é o seu ideal, e se no qual ele se desvirtuar desse caminho, com certeza, ele vai tomar uma punição ou ele vai ser excluído dos nossos quadros.

B.B. – Esse gancho que você nos deu, da presença da torcida nos bairros, nos anos 1980, e pegando essa continuidade da história, a Torcida Independente já é a principal, a maior torcida do São Paulo? Quando ela se torna a maior? E onde ela está presente?

D.Z. – Ela se torna, num período de dez anos, de 1972 ao começo de 1982, ela começou a se tornar a maior torcida, devido à festa. Porque nós tínhamos uma batucada muito forte na arquibancada. Hoje em dia, para vocês terem uma ideia, a polícia permite oito instrumentos de percussão. Antigamente, a gente levava uma bateria com 50 a 60 instrumentos de percussão.

B.B. – E bandeira também.

D.Z. – Bandeiras à vontade. São Paulo é o único estado que reprime a festa nos estádios. Será que se a gente desse vazão a essa festa, as bandeiras, que todo mundo gosta de ver, o papel picado, a alegria, a batucada, será que não diminuiria a violência? Será que não seria um atrativo para o torcedor? A gente poderia fazer os torneios, como existam antigamente, disputa entre torcidas, aquele que levava as bandeiras mais bonitas, aquela torcida que fazia a maior festa. Tinha a preliminar, no jogo, onde o clube se enfrentava com outro clube. Era uma festa maravilhosa!

B.B. – Você chegava mais cedo para ver a preliminar.

D.Z. – Infelizmente, a violência é mundial, e ela não é só exclusividade de uma torcida organizada. A violência está em todos os segmentos, está no nosso dia a dia. A gente não quer se eximir disso, mas, infelizmente... Estão aí as autoridades competentes para tomar as atitudes necessárias, punir o mau torcedor, aquele que é o agressor. Aquele tem que ser punido, tem que ser tirado dos estádios. Mas não se proibir uma instituição. Tem instituições, a maioria, a sua grande maioria, são pessoas sérias que estão à frente. Eu, por exemplo, eu trabalho... Eu sou formador de novas famílias, sou juiz de paz. Eu trabalho com a paz, com família. Eu estou à frente do projeto da Torcida Independente, sou uma pessoa de bem. Com 42 anos, não tenho uma passagem policial, e sou de torcida organizada, e honro isso. E outra: já colhi muitos frutos e desafetos por causa disso, principalmente pelos organizadores do futebol, que não deram uma resposta para que se melhorasse, para que tivesse um progresso nisso. E só cobrar a torcida... Só cobra a torcida. Mas e a solução? Vamos caminhar junto? Vamos fazer um trabalho preventivo todo mundo? O papel da imprensa, que só mostra o lado negativo, não mostra o lado positivo de uma torcida organizada como a gente. A gente faz um trabalho social muito sério. Primeiro, com os nossos associados – por exemplo, quando existe o falecimento de algum associado nosso, problema de saúde de algum associado nosso –, e festa das crianças, doação de sangue, donativos no final do ano, campanha do agasalho. Tudo isso é feito e não sai uma nota na mídia. Não sai uma nota na mídia.

B.B. – Em contraposição, quando tem algum problema...

D.Z. – Sim. E qual é a solução? A solução seria a união de todos os segmentos, uma força-

tarefa, comprometimento, olho no olho, as pessoas deixassem aquele ranço que têm de lá de trás e viessem para o diálogo, sentassem numa mesa. Porque nós somos famílias, nós somos formadores de opinião, e nós temos o dever e a obrigação de levar para o lado certo, o lado correto, porque foi isso que eu aprendi com o meu pai e com a minha mãe e que eu honro até hoje. Meu pai falava: “Danilo, o caminho é esse. Isso é o certo e isso é o errado”. E é isso que nós plantamos dentro da torcida organizada. Aqui dentro, a gente não pede... ninguém agredir ninguém, a bater em ninguém, a confrontar com ninguém. Esse é o diálogo. O associado, nós temos reuniões permanentes, no estado de São Paulo, nas nossas sedes. Para vocês terem uma ideia, a Independente tem sede no estado de São Paulo inteiro, em várias capitais brasileiras, até no Japão. Com o advento de o São Paulo jogar lá os três mundiais, nós temos uma torcida muito grande e presente no Japão, onde tem uma vida própria lá: eles fazem festas, eles se reúnem. Isso é muito importante.

B.B. – São-paulinos que moram lá?

D.Z. – São-paulinos de famílias de decasséguis que estão no Japão. Hoje, sem dúvida nenhuma, nós temos a maior torcida organizada em outro país. O São Paulo, hoje, ela é a terceira torcida do Brasil, e eu tenho quase que a certeza que em breve nós seremos a segunda do Brasil. Em muitos estados brasileiros, para você ter uma ideia, a torcida do São Paulo chega a lotar o estádio, ou dividir o estádio com a torcida local. Isso é muito importante, mostra a pujança do São Paulo Futebol Clube nesse cenário.

B.B. – Danilo, suas lembranças dos anos 1980. Quais eram, além de você, as principais lideranças? Eram aquelas que tinham criado a Torcida? Ou já tinham novas pessoas à frente?

D.Z. – Até os anos 1980, ainda nós tínhamos aquelas pessoas advindas do ano de 1972. A coisa começou a tomar um volume muito grande no final dos anos 1980 e começo dos anos 1990. Nós tivemos uma pessoa muito importante nesse projeto todo, que foi o presidente Adamastor⁴. Nós tivemos um presidente bastante atuante, que fez a Torcida crescer muito. Por quê? Ele gostava da festa nas arquibancadas e ele fazia todo um trabalho de coreografia na arquibancada,

⁴ Reginaldo Tadeu Batista de Souza.

com as bandeiras, com instrumento. Foi lá que ele começou como ritmista, e hoje é um dos maiores mestres de bateria do Brasil. É mestre de uma grande escola de samba de São Paulo, a X-9 Paulistana, aonde, hoje, ele faz uma dinâmica em empresas e hoje é considerado um dos melhores músicos e mestres de bateria do Brasil. Começou dentro da nossa bateria, na arquibancada, na percussão; depois foi para outras escolas de samba; e depois se tornou presidente da Torcida. Fez um grande trabalho. Não só ele como o Ferrão⁵, também; o Paulo Sérgio; depois nós tivemos o Batata; o Negão; até os dias de hoje.

B.B. – E você, sempre também ali na frente.

D.Z. – Sempre. Eu fiquei na ativa de cabo a rabo, desde os anos 1970. Sou a única pessoa presente aqui quase que diariamente, desde a fundação. É o amor. É o amor que a gente cria. É uma simbiose que a gente tem e é uma coisa que está no nosso DNA. Isso ninguém vai tirar. Nenhuma autoridade, mesmo proibindo a nossa entrada, vai tirar aquele sentimento que a gente tem no coração, na nossa alma, no nosso sangue. Quem é torcida organizada é torcida organizada. Ela leva isso até o final. Nós não somos modinhas; a gente tem um ideal e a gente persegue e luta e briga por aquele ideal.

B.B. – Nos anos 1980, a Independente tinha... Você se recorda quantos componentes?

D.Z. – Olha, eu acredito que nos anos... Eu não tenho esses dados precisos de números, mas eu acredito que a Independente, nos anos 1980, deveria estar em torno de sete a dez mil associados.

B.B. – Já tinha subseções? Ou ainda era...?

D.Z. – Não. As subseções vieram no final dos anos 1990 e começo dos anos 2000. Foi quando o São Paulo... Na realidade, quando o São Paulo ganhou as Libertadores e o São Paulo se sagrou campeão mundial, o São Paulo teve um *boom*. Eu, por exemplo, cheguei a ir a vários jogos... Vou dar um exemplo: Porto Alegre. O único torcedor do São Paulo na arquibancada com a faixa da Independente era eu. O São Paulo não tinha torcida.

⁵ Nelson Mandini.

B.B. – Em que ano isso?

D.Z. – Nos anos 1980. E não só esse jogo. Em Goiânia – eu fui para Goiânia –, São Paulo e Goiás, tinham, no máximo, meia dúzia de torcedores do São Paulo na arquibancada. Hoje em dia o São Paulo divide a arquibancada com a torcida local, para você ter uma ideia. Eu me lembro disso. Pegava a faixa na Torcida, que não era tão grande como as de hoje, que têm de 60 a 70 metros – antigamente eram faixas de 10 metros ou 15 metros –, enrolava, punha numa mochila e ia sozinho. Ia de ônibus. Chegava lá, colocava a faixa. E aí o que eu fazia? Eu levava uns adesivos, uns chaveiros e procurava fazer uma amizade com um grupo de pessoas que estavam próximas, porque aquilo era uma forma até da minha integridade. Apesar de que, naquela época, não tinha essa rivalidade, essa violência que tem no futebol mundial. Não é só no Brasil, não. Então é importante o que a gente fazia. Por exemplo, a gente já chegou a ir para a Argentina com dez, quinze torcedores e enfrentar um estádio inteiro. É porrada, é pedra, mas é uma coisa de sobrevivência: ou você é, ou você não é, ou nunca vai ser. É o que a gente fala, torcida organizada, ou você é, ou você nunca vai ser. Você está sujeito a isso. A gente passa a visão do que é positivo, mas nós estamos sujeitos a isso, a um ato de violência.

B.B. – E a coisa, vamos dizer, ficou feia, ou ficou mais complicada nessa virada dos anos 1980 para os anos 1990. Vamos lembrar aí...

D.Z. – Exatamente, no começo dos anos 1990, com aquele problema que houve no campo do Nacional⁶, em que vitimou um jovem torcedor do clube adversário, e que no qual ali se desenfreou uma onda de violência, e que já perdura por quase 30 anos, se a gente for analisar. E até hoje as autoridades não deram uma resposta para isso. Porque a gente... A partir do momento que ele é identificado, ele tem que ser preso e ele tem que ser tirado de circulação. Isso cabe a cá ou outra torcida organizada.

B.B. – A que episódio que você está se referindo?

⁶ Estádio Nicolau Alayon, do Nacional Atlético Clube (SP).

D.Z. – No estádio do Nacional, na Copa São Paulo [de Futebol Júnior]...

B.B. – Ah, sim!

D.Z. – ...onde jogou São Paulo e Corinthians, onde houve um confronto na divisão de torcidas, nas cordas. Porque, antigamente, eles colocavam cordas para dividir e um, dois, três policiais na divisão. Houve uma troca de pedra e bomba ali, onde vitimou um jovem torcedor do clube adversário.

B.B. – **[Inaudível]**.

D.Z. – E eu acho que quando existe um problema envolvendo uma briga, um confronto, uma morte, todos nós perdemos. Numa guerra, numa briga, não existe vencedor; só existem perdedores. Então, quando se vitima um torcedor do São Paulo ou de outro clube, do Palmeiras, do Santos, do Corinthians, é muito triste para todos nós. Porque não foi esse o objetivo para [o qual] nós fomos criados. Nós fomos criados para honrar nossos clubes, defender nossa bandeira, mas para não agredir ninguém nem matar ninguém.

B.G. – Danilo, como era a relação, no começo da Independente, com as outras torcidas?

D.Z. – Era relativamente boa. Existe sempre o problema da rivalidade. Mas não existiam grandes confrontos. O máximo que existia, nos anos 1970, era arremesso de sorvete e de copo de refrigerante ou de cerveja e de bolinha de papel. Porque as torcidas praticamente sentavam juntas. Hoje, infelizmente, nós não temos uma cultura para que o torcedor sente junto, infelizmente.

B.B. – Nós estamos chegando ao extremo das partidas com torcida única.

D.Z. – Que eu sou contra. Eu vou explicar por que eu sou contra a partida de torcida única. Mostra a ineficácia e a falência das autoridades para gerir a segurança no espetáculo. Eles são preparados e especializados para aquilo, então, ele tem que dar o direito, dar segurança a um evento esportivo. E uma coisa que eu acho importante: dentro do estádio, deveria ser segurança

privada. As forças policiais deveriam estar do portão para fora.

B.B. – Como ocorre em alguns países da Europa hoje, que você não vê mais polícia dentro do estádio.

D.Z. – Mas o principal não é a presença da polícia; é a aplicação da lei. Porque se o cara for punido, ele vai pensar duas, três vezes para cometer um ato falho. Então você vê... Mas ainda não está num plano ideal, lá fora, não. Eu venho acompanhando todo esse processo. Lá, existe um problema muito sério, que aqui no Brasil também nós temos, que é o racismo. Lá nós temos o homofobismo, o racismo. Por exemplo, nós temos os movimentos ultras. Os *hooligans* existem ainda, só que eles estão bem parados e camuflados. Então nós temos os movimentos separatistas, os movimentos ultra, na Europa principalmente, e nós temos as *hinchadas* argentinas, que são conhecidas como os *barrabravas*. Eu acompanho bem esse processo aí desde os anos 1970 e 1980 para cá, e uma coisa eu garanto: o Brasil é muito melhor do que todos esses países.

B.B. – Você tem contato com liderança de alguma torcida na Argentina?

D.Z. – Não. Não tenho porque eu não aceito racismo e nem homofobia. Nós somos filhos de uma mesma raça, e não é a cor da pele de uma pessoa ou a nação que vai dizer quem é essa pessoa, o caráter dessa pessoa. Essa pessoa tem que ser respeitada como ser humano. O que o pessoal faz é um absurdo. É por isso que eu me nego de ter o contato com esse tipo de pessoa.

B.B. – Entendi. Eu me referi não necessariamente a esses grupos, vamos dizer, de extrema direita que se espalharam em algumas torcidas da Europa, mas eu falo de contatos com torcidas de modo geral, pelo fato de vocês também estarem circulando, viajando para Libertadores. Algum tipo de organizada...

D.Z. – Nosso maior objetivo é ir representar o São Paulo, ajudar o São Paulo fora, seja em São Paulo, Brasil e mundo. Nunca nós vamos com a ideia de confronto, mas nós temos que estar preparados para o confronto, porque ele pode ocorrer. Eu já vi jogos... Por exemplo, torcedor acompanhado de filho pequeno, numa tribuna de honra, em jogos do interior, ser agredido. E

não foi agredido por torcida organizada. E foi uma das coisas que mais me marcou, ver aquela cena, o pai sendo agredido, com uma criança agarrando nele, e sendo agredido por torcedores de outro clube, numa cidade do interior de São Paulo. Isso foi uma coisa muito triste que eu presenciei e que eu não esqueço jamais, porque eram pessoas ali de uma condição social melhor, com uma condição mais ilibada, e agredindo um pai com um filho agarrando no seu braço ou na sua perna. Isso eu presenciei há coisa de sete ou oito anos atrás, num jogo no interior do estado de São Paulo. Então isso marcou muito, uma violência absurda, gratuita.

B.B. – Danilo, já que estamos falando de viagens, vamos falar então do Mundial de Tóquio. Você esteve, você viajou para o Japão. Conta um pouquinho como é que foi atravessar o mundo para ver o São Paulo.

D.Z. – Para mim, foi o maior jogo da minha vida. Por quê? Nós estávamos na Terra do Sol Nascente, nós estávamos do outro lado do mundo, e o São Paulo estava jogando contra uma adversidade total. Primeiro, o clima. Nós chegamos a pegar a temperatura de menos sete ou oito graus, abaixo de zero. No dia da partida estava zero grau. Nós tínhamos um clube que era muito popular lá no Japão, que era o Liverpool. A torcida japonesa tem muita simpatia muito grande pelo futebol brasileiro, mas eles gostam do futebol europeu.

B.B. – Eles conhecem os clubes europeus.

D.Z. – Eles conhecem os clubes europeus. Então a gente teve que lutar com isso, também. E também o Liverpool, naquela época, estava invicto, aonde o São Paulo entrou como um clube praticamente derrotado. Só nós acreditamos, os torcedores do São Paulo e os brasileiros acreditamos. Para você ter uma ideia, o capitão da equipe do Liverpool não teve a educação de estender a mão para o nosso comandante, o maior goleiro do mundo, o Rogério Ceni. Isso está gravado. O Rogério Ceni estendeu a mão a ele, ele fez que não viu e passou direto. E fora aquelas defesas fantásticas do Rogério Ceni, que foi até os 45 minutos do segundo tempo, que no qual eu chorei muito. E aí eu saí cantando, depois do jogo, *We are... Nós somos os campeões, We are the champions*. Foi a maior emoção que um torcedor podia ter. Nós, de um futebol pentacampeão, o Brasil, e o São Paulo se tornando tricampeão mundial na Terra do Sol Nascente. Foi a maior experiência... Eu tive a honra e o prazer de levar a faixa da Torcida

Independente. Eu coloquei...

B.B. – Você foi o único da Independente?

D.Z. – Não, o único não!

B.B. – Foi um grupo grande?

D.Z. – Eu acredito que daqui do Brasil foram vários aviões fretados. Eu fiquei dez dias no Japão. E eu tive a missão, eu e um outro colega aqui da Torcida, de levar a nossa faixa. E um detalhe: nós conseguimos colocar a faixa no meio de campo, coisa que nenhuma outra torcida conseguiu. Todas as torcidas organizadas colocaram faixa atrás do gol. E eu consegui. Eu peguei um rapaz são-paulino que falava fluentemente japonês... Eles olhavam a nossa faixa e falavam: “Não, não pode. Não pode. *No. No. No*”. E aí eu consegui dobrar ele, falando que aquilo era uma faixa de fã-clube do São Paulo. Porque eles pensavam que era propaganda, e você sabe que eles gastam milhões, nesses jogos para o mundo inteiro. E aí eu consegui a faixa da Independente bem no meio de campo, aonde... Quando a imagem pegava...

B.B. – Direto.

D.Z. – E foi fantástico. Nós tivemos uma torcida... Já tínhamos a nossa subseleção do Japão, devido aos dois primeiros mundiais, que no qual deu um suporte muito legal, com uma bateria, com as nossas bandeiras. Fizemos uma festa muito grande em Tóquio. Foi assim, por exemplo, a sensação de você vestir a camisa do São Paulo, do seu clube, próximo ao monte Fuji e estender a bandeira do Brasil em outro país, Não tem preço. Para mim, isso aí vai ficar marcado na minha vida. Foi a maior experiência que tive. Todo título de um clube é maravilhoso, mas aquele fator de você conquistar contra um grande clube europeu e que era cotado como já o pseudocampeão foi muito importante para nós.

B.B. – Você foi nos três mundiais?

D.Z. – Eu fui em dois mundiais.

B.B. – Nos dois.

D.Z. – Nos dois mundiais. E a final não é na cidade de Tóquio. Em Tóquio é o primeiro jogo. O segundo jogo foi em Yokohama, onde... O Japão é um país fantástico. Sabe por que ele é fantástico? Porque ele já conseguiu se reconstruir várias vezes, por causa de guerra, de marmoto... Eles têm uma coisa importante: eles respeitam as pessoas mais velhas. Isso é uma coisa que ficou marcado para mim. No Japão, as pessoas que delegam, que têm cargos de gerência em hotéis são pessoas de idade, de cabelo branco. O japonês faz toda uma reverência às pessoas mais velhas. Isso aí também é uma coisa que ficou marcado para mim.

B.B. – É uma cultura diferente, em que você...

D.Z. – É uma cultura diferente, de respeito.

B.B. – ...não desvaloriza o mais velho. Eles valorizam o mais velho.

D.Z. – Exatamente. Isso que aqui no Brasil a gente gostaria de ter. É a única coisa que eu prego, aqui dentro dessa instituição: respeite quem tem história, respeite quem construiu a sua história. Aqui, ninguém é melhor do que ninguém. Aqui, o associado entrando hoje, como eu falei anteriormente, ele tem o mesmo valor de quem é um sócio fundador.

B.B. – Hoje são quantos associados?

D.Z. – Hoje, nós estamos com cerca de 85 mil sócios cadastrados, sendo que muitos deles já não fazem mais parte do grupo, porque muitos pararam.

B.B. – Não são da ativa, vamos dizer assim.

D.Z. – [Não são] da ativa.

B.B. – Na ativa, você acha que...?

D.Z. – Na ativa, da fundação, só tem eu. E temos a visita de alguns sócios fundadores, que ainda nos visitam aqui esporadicamente. Mas no dia a dia, infelizmente, só eu.

B.G. – E em relação aos jogadores?

B.B. – Você mencionou o Rogério Ceni.

B.G. – Você falou do Rogério Ceni.

D.Z. – Nós tivemos vários ídolos na nossa história, desde, buscando lá atrás, Leônidas da Silva; tivemos Careca; Müller; Silas; Raí; Pedro Rocha; Forlan; Dario Pereyra...

B.B. – Vocês tinham relação direta com eles ou era...?

D.Z. – Olha, devido a... A Torcida Independente sempre foi um pouco podada pelo clube de ter essa presença mais próxima. A gente sempre teve apoio do São Paulo nessa parte, no sentido de ovacioná-los e de torcer. Mas contato próximo, muito pouco. A pessoa que nós temos mais contato próximo é o Rogério Ceni. Esse, sim, é o maior atleta e ídolo da história do São Paulo Futebol Clube. Por quê? Além de ser o maior goleiro artilheiro do mundo, é um jogador que usou uma única camisa, que honrou um único clube.

B.B. – Raríssimo, hoje em dia.

D.Z. – Raríssimo. Eu acredito que atletas como ele... Para você ter uma ideia, nós tivemos um jogo agora no Equador, o time do Equador se negou de que o São Paulo fizesse o reconhecimento do campo e treinasse, e o Rogério, na madrugada, treinou na porta do hotel, colocando cones e baldes de alumínio como se fosse trave e treinou com nosso preparador de goleiro. Isso não existe no futebol. O que existe no futebol hoje em dia são, na maioria, os jogadores que só pensam na parte financeira. Agora, aquele que tem identidade com o clube, com uma camisa, eu só conheci um: Rogério Ceni.

B.G. – Mas em relação ao São Paulo, você acha que o clube dá uma blindada?

Participante – O bandeirão do Rogério Ceni é *Guinness*, a homenagem do jogador de futebol...

D.Z. – Muito lembrado aí pelo nosso vice-presidente Henrique Gomes, a Torcida Independente fez um bandeirão, o primeiro bandeirão homenageando um atleta, e ela está até no *Guinness Book* como a maior bandeira estendida num estádio para um atleta de futebol. Homenagem justa ao maior de todos.

B.B. – Quando foi isso? Você lembra isso?

D.Z. – Foi no ano de... No final agora de... Foi nos anos 2000.

B.B. – [Anos] 2000.

D.Z. – Não sei precisar o ano. Eu acredito que esse bandeirão foi feito entre 2007 e 2008, e é o maior bandeirão. “Todos têm goleiro. Só nós temos Rogério Ceni.” E a gente abre sempre esse bandeirão. E a gente fica até muito triste agora, com a possível parada do nosso comandante, porque esse honrou a camisa do nosso clube.

B.B. – Se a gente pudesse definir o perfil do torcedor da Independente, de onde ele vem? Onde ele está mais presente na cidade? Qual é característica, o perfil socioeconômico de um torcedor filiado à Independente?

D.Z. – Jovem, de periferia, idealista, e com muitos sonhos: o sonho de progredir na vida, o sonho de ser alguém na vida.

B.B. – Quando você fala periferia, que...?

D.Z. – Bairros mais distantes, cidades próximas a São Paulo, no interior do nosso estado, e Brasil. Eu acho que esse é o perfil, hoje, do nosso torcedor. Não é uma torcida... Nós não temos, como muitos falam, nós não temos uma torcida elitizada; nós temos uma torcida de povão, e é

a torcida que mais cresce, em nosso país. Isso são dados em pesquisas e também de fato, comprovando nos estádios.

B.B. – O crescimento das torcidas organizadas em geral, teve um *boom* nos anos 1990, a gente sabe que elas se multiplicaram, cresceram muito, e começou a haver também as disputas internas pelo poder. Isso na maioria das torcidas.

D.Z. – Isso faz parte.

B.B. – Como é que foi isso aqui? Como é que isso é...?

D.Z. – Na Independente, sempre foi muito bem administrado. Nós tivemos um problema há cerca de 13 anos atrás, 12 anos atrás, para ser mais preciso, 12 anos, e nós conseguimos reassumir o comando da Torcida à época, que foi chamado A Retomada. Nós tínhamos um grupo de torcedores ativos que não concordavam da forma que a Torcida estava sendo dirigida. Inclusive a Torcida, na época, ela estava com muitos problemas, principalmente financeiros. Então não foi um grupo oportunista, que quis assumir por motivo financeiro. Pelo contrário, ela assumiu a Torcida com um pé-de-meia pendurado num varal. E aí esse grupo foi afastado e assumiu um pessoal que era liderado na época pelo Batata e pelo Negão, que estão até hoje à frente. Isso foi a grande salvação da nossa instituição. E eu vejo como isso. Eu participei de todos os projetos, desde a fundação até o dia de hoje, e eu posso lhe garantir que foi, está sendo... As melhores diretorias foram nesse período da Retomada para cá. Lembrando bem, também, que tivemos bons presidentes: tivemos o Adamastor, como eu já frisei anteriormente; tivemos o Paulo Sérgio; o Matija; que a gente não pode negar. Tivemos as primeiras administrações, e depois, de 12 anos para cá, já com esse grupo, que vem se alternando e fazendo um belo trabalho – hoje, deixando aí um legado de salas próprias para a Torcida; muito forte no Carnaval, que era uma coisa que os nossos associados cobravam. Porque nós estamos fora do Carnaval há alguns anos. Aí retornamos no Grupo 4, fomos campeões, Grupo 3, Grupo 2, Grupo 1 e agora estamos no Grupo de Acesso.

B.G. – Como é que se dá esse processo de escolha da diretoria? É quanto tempo de gestão?

D.Z. – Normalmente são dois anos. É por meio de eleição, são dois anos cada diretoria, é permitido uma reeleição desse grupo, mas uma coisa que é importante: sempre tem que ter a alternância. E outra coisa que eu vou deixar bem claro: torcida organizada não é uma coisa simples de se administrar, não. Não é para qualquer um, não. Se você colocar um cara muito certinho e muito bonzinho, ele não dura um mês à frente da torcida organizada.

B.B. – Tem que se impor.

D.Z. – A democracia é importante, mas têm momentos que você tem que usar a razão e ver o que é melhor para a nossa instituição. E as pessoas que estão à frente se unem e veem qual é o futuro da nossa entidade. Isso que é o importante.

B.B. – Agora, esses conflitos têm a ver, por exemplo, com as sedes? Ou não, é mesmo o poder central, vamos dizer assim?

D.Z. – Normalmente... Naquela época, na época da Retomada, ela foi da sede, gerada dentro da sede. Hoje em dia eu não vejo isso na Independente. Há 12 anos que não existe isso, devido a uma administração forte, com a alternância de presidente e diretoria. Nada impede que o cara que foi presidente em 2004 retornasse a presidente agora. Desde que ele foi um bom presidente, ele deixou um bom legado, ele tem oportunidade. Nosso estatuto permite isso. Agora, eu volto a frisar, torcida organizada... Você usar uma camisa de torcida organizada é diferente, a responsabilidade aumenta muito. Como torcedor do clube, normal, é importante, mas você usou uma camisa de uma torcida organizada, tem uma história por trás daquilo. Nós temos irmãos que deram a vida aqui dentro. Hoje já não estão mais entre nós. Alguns, presentes, e outros, em outra morada. Mas o importante disso tudo é que a pessoa leve sempre aquela chama, mantenha sempre aquela chama viva.

B.B. – Nos últimos anos, a gente tem acompanhado, pelo menos na imprensa, observado uma crescente onda de...

[FIM DO ARQUIVO I]

D.Z. – ...que as autoridades entendessem isso. As autoridades têm muita culpa nisso, também, pela omissão. Vocês, que são jovens, vocês vão falar: “Espera aí. Será que eles também não têm uma...?”. A violência nos estádios tem 30 e poucos anos, e não foi dada uma solução para isso?

B.B. – Vai se empurrando com a barriga, não é?

D.Z. – Será que eles não mecanismos de inteligência para... Você entendeu?

B.G. – Você acha que tem alguma coisa a ver com um interesse dos clubes de talvez não cobrarem [inaudível]?

D.Z. – Os clubes também têm sua culpa. A imprensa tem a sua culpa.

B.B. – Qual é, para você, a culpa da imprensa?

D.Z. – A falta de um trabalho de prevenção e mostrando o outro lado da moeda. Uma força-tarefa onde todos juntos tivessem... Não vou culpar... O cara que mata lá, a imprensa não é culpada. Mas a imprensa tinha que apurar e cobrar das autoridades que se prendesse... identificasse o cara, ficasse em cima, e não só perseguindo a instituição.

B.B. – Você acha que o alvo é a instituição, e não...?

D.Z. – Exatamente. Eu acho que você tem que punir o torcedor individualmente. Aqueles que forem pegos em ato de violência, aqueles que têm que ser punidos. Isso que é o importante; não você só punir uma instituição.

B.G. – Duas, porque pune o clube e a torcida.

D.Z. – Exatamente. Que se punam os verdadeiros culpados, seja daqui, seja de outra organização.

B.B. – Recentemente, então, Danilo, houve uma tentativa, que teve uma duração relativamente curta, de um novo entendimento entre as torcidas e a criação da CONATORG. No Rio de Janeiro tem a FTORJ. Como é que você vê esse processo, ao mesmo tempo, uma tentativa de aproximação e, por outro lado, um crescimento de intolerância que está ocupando a cena midiática? A cada clássico, um acontecimento, um incidente.

D.Z. – Todos esses movimentos são muito importantes. Todos esses movimentos são importantes. Mas o mais importante de tudo é que as pessoas deixem o ego, o seu lado pessoal... Isso nunca pode transcender acima de uma instituição. O que estragou todos esses processos, desde a ATOESP até a CONATORG, foi o ego e a vaidade pessoal de dirigentes de torcida organizada.

B.B. – Esse é o principal empecilho?

D.Z. – Eu acredito que sim. Porque, veja bem, a violência não está dentro das organizações; a violência está dentro do ser humano.

B.B. – E da sociedade.

D.Z. – E aí, quando você começa a fazer um processo, que a torcida começa a se entender, que a torcida começa a se relacionar, acontece uma briga, um confronto e ocorre uma morte. Tudo aquilo que foi feito durante um ano... Aí o dirigente da torcida *A* não quer conversar com o dirigente da *B*. Se secciona todo um projeto.

B.B. – Você participou da CONATORG?

D.Z. – Da CONATORG, eu não tive uma participação atuante. Eu tive uma participação atuante na ATOESP, que foi a primeira associação de torcidas organizadas, e fiz um trabalho, há cerca de quatro anos atrás, em mediação de conflitos de torcidas do estado, com o apoio do Ministério Público, com o apoio da Polícia Civil do Estado de São Paulo. Infelizmente, não... E da mídia. Tive apoio da mídia. Só não tive apoio da Federação Paulista de Futebol e da Polícia Militar do 2º Batalhão de Choque. Porque meu trabalho era de cunho voluntário e

começou a dar certo, aí surgiu o ciúmes. Como eles não podiam me punir de outra forma, porque eu sou uma pessoa limpa, sou uma pessoa certa, eles me perseguiram veladamente.

B.B. – Sabotando a...

D.Z. – Sabotando a minha presença. Inclusive me pediram até para eu me retirar de reuniões onde as torcidas organizadas iam. Porque eu era uma pessoa... [Eu era] um facilitador entre as partes, independente... Sendo da Torcida Independente, eu queria o melhor para as torcidas organizadas, eu queria o progresso de todas as organizações. E aí houve um período em que houve um distanciamento e as brigas começaram a parar. Como isso saiu de um trabalho ímpar, de um trabalho voluntário meu, eles não aceitaram, porque era um trabalho de cunho voluntário. “Quem é esse cara?” Inclusive eu fui alvo de chacota: “Esse cara que quer dar uma de juiz”. Na realidade, eu não sou juiz de direito, mas sou juiz de paz. Eu sou uma pessoa que formo novas famílias. Tenho uma responsabilidade perante o estado de São Paulo de unir novas famílias, com muita honra. Fui alvo de chacota, de perseguição, agressão. Em um jogo São Paulo e Corinthians, no Pacaembu, eu fui agredido por mais de dez policiais, pelas costas, covardemente. Sabe o que eu fiz? Parando um pequeno confronto que houve, quando um jogador do Corinthians fez o gol, correu em direção à torcida do São Paulo, fez um ato obsceno, houve um princípio de empurra de pessoal da torcida do São Paulo nas cordas, eu, com a mão para o alto, para cima, apanhei igual cachorro. Não tenho vergonha de falar. Só que eu sou homem. Eu apanhei pelas costas. Querendo uma prevenção, apanhei. Então é uma coisa que fica. Fica um sentimento dentro da gente. Não só eu, como muito torcedor já apanhou sem ter motivo.

B.B. – Simplesmente por ser torcedor...

D.Z. – Por ser torcedor organizado. Como eu disse para vocês, hoje em dia nós temos toda uma mídia voltada ao futebol, eletrônica, tudo, que se puna o mau torcedor, aquele que é agressor e se apoie as lideranças, as pessoas que têm boa vontade. Eu tive que tirar o pé, porque eu ia ser morto, porque eu estava incomodando, incomodando. E eu tenho grandes amigos dentro da instituição Polícia Militar, ao ponto de... um coronel que está na reserva pegou e falou: “Tira o pé porque você pode ser alvo a qualquer momento de uma maldade, e você é uma pessoa boa,

eu conheço seus pais, eu conheço a sua vida, você não merece isso”. Foi aí que eu larguei esse trabalho de mediação e comecei a me dedicar totalmente, novamente... Apesar de que eu nunca saí da Torcida Independente. Só que, no trabalho de mediação, eu ia de paletó, de gravata. Eu ia em todos os jogos dos clubes, auxiliava o Ministério Público e a Polícia Civil e também a Polícia Militar. Só que, por algumas instituições, isso não foi reconhecido, não foi valorizado. E aí, infelizmente, quando terminou esse trabalho de eu sendo mediador, a violência eclodiu novamente. Ou foi uma coincidência, ou realmente... Isso aconteceu. Porque é muito difícil a gente ver uma família perder um filho. Como eu disse no bloco anterior, quando acontece uma briga, uma morte, todos perdem. Numa guerra, não existe vencedor, só existem perdedores. Num confronto ideológico, num confronto de rivalidade, até pode ocorrer. Mas quando ele passa dessa fase e vai para a agressão, para a violência, ele perde todo o sentido. A gente gostaria de ver um país em melhores condições. Nós temos o melhor povo do mundo. Eu já viajei o mundo inteiro, e eu falo: o povo brasileiro é o melhor de todos. Só que ele teria que ter um pouco mais de respeito pelas autoridades, tanto na área da saúde, da educação, do trabalho, da moradia. Eu entrei na área política porque faz parte de todo um contexto. Eu acho que se os governos federal, estadual e municipal usassem as torcidas para fazer um trabalho eficiente, seria o maior aliado que eles poderiam ter. Nós viraríamos o jogo. Só que isso não é feito.

B.B. – Houve, por parte do Ministério do Esporte, recentemente, uma tentativa de aproximação. Você acha que isso é positivo, que isso pode ter algum efeito?

D.Z. – Muito positivo. Esse trabalho teve início, me lembro bem, com o Marco Aurélio Klein, que foi uma pessoa que trabalhou no Ministério do Esporte. Esse trabalho, foi dado uma maior importância na gestão do ministro do Esporte Orlando Silva, com o apoio de promotores públicos. No caso daqui de São Paulo, uma pessoa que foi muito importante foi o promotor Paulo Castilho; nós tivemos também uma pessoa muito importante, que é o desembargador Miguel Marques, do Tribunal de Justiça de São Paulo, que fez um trabalho muito importante nessa polêmica, nessa teórica do esporte. Acho que é muito importante seminários, o contato. O diálogo é o melhor caminho. É o mais curto para você conseguir resolver os problemas. Mas, para que isso seja resolvido, para que a violência seja erradicada, nós precisamos de algumas coisas: primeiro, pessoas que conheçam a temática à frente a isso, e uma força-tarefa que envolva todos, todos, todos os segmentos. Com certeza, se as torcidas organizadas são taxadas

como as precursoras da violência, ela vai ser a solução. Dê oportunidade a elas, com as pessoas certas, no momento certo, apoiando, aquela coisa de identidade, aquela coisa olho no olho. Mas pessoas que conheçam a temática. Eu estou batendo nisso. Porque tem muita pessoa que fala de prevenção e de segurança que não conhece nada. É mais fácil você pegar um cara que tem 30, 40 anos de torcida e ele ser uma pessoa para trabalhar nesse processo, para ele colaborar...

B.B. – Conhece de dentro.

D.Z. – Exatamente. É uma pessoa que conhece como é que funciona. Hoje eu bato o olho numa coisa... com 500 metros, eu já sei o que está acontecendo, só pela experiência. Isso sem presunção alguma. Não só eu como outros colegas que estão nas outras torcidas organizadas também. E essas pessoas são deixadas de lado. A gente tinha que aproveitar essas pessoas.

B.B. – Fala um pouquinho da construção das alianças da Independente com outras torcidas.

D.Z. – Nós fazemos parte de um grupo denominado Punho Cruzado, que são grandes torcidas do Brasil, e que no qual a gente tem a Camisa 12 do Internacional; nós temos a Torcida Jovem do Sport; temos a Torcida Jovem do Flamengo; e temos uma parte da Máfia Azul [do Cruzeiro]. Porque houve também um problema entre eles lá e também com o grupo do Punho Cruzado, mas eu os considero como membros.

B.B. – Os Imbatíveis [do Vitória], também?

D.Z. – Não. Os Imbatíveis, não. Os Imbatíveis, eles são amigos da Dragões da Real [do São Paulo]. Tem um relacionamento de respeito com a Independente, mas não faz parte do Punho Cruzado.

B.B. – Os Fanáticos, [do Atlético Paranaense]?

D.Z. – Também. É outra linha.

B.B. – E essa aliança foi construída...

D.Z. – Essa aliança funciona de que forma? Eles nos dão o apoio logístico e pessoal, quando nós viajamos a esses estados. Eles normalmente... São torcidas amigas, são torcidas irmãs, e que no qual eles têm esse objetivo de ter esse contato, esse intercâmbio constante, quase que diário, e quando o São Paulo joga... Por exemplo, quando o São Paulo joga em Recife, nós temos total apoio da Torcida Jovem do Sport, e assim por diante: quando é em Minas Gerais, com o Cruzeiro; no Rio de Janeiro, com a Jovem Fla.

B.B. – No surgimento, isso ainda não...

D.Z. – Não, não.

B.B. – Isso vem...

D.Z. – Isso daí começou no... Essas uniões começaram no final dos anos 1990. Nos anos 2000, para ser mais preciso.

B.B. – Já na época do...

D.Z. – A amizade já existia. Por exemplo, a Torcida Jovem do Flamengo, antigamente ela tinha amizade com uma outra torcida de um outro clube; depois ela começou a ter amizade com a Independente. Porque aí as diretorias começaram a ficar amigas, e nesse processo todo, a coisa começou a andar.

B.B. – Você influenciou nisso?

D.Z. – Muito. No caso da torcida do Flamengo, sim. Eu tive a honra de conhecer, é meu amigo até hoje, o Capitão Léo, da Torcida Jovem do Flamengo, o Banha, o Flavinho, o Ricardinho, que foram meus amigos de lá de trás. E isso, também, eu ajudei bastante. O Adamastor também colaborou muito com isso; o Chupeta, também, que foi um associado nosso da antiga, também ajudou. E isso foi muito legal. Porque quando a gente viaja para outro estado, a gente tem o apoio e o respaldo de uma outra grande torcida.

B.B. – Por outro lado, acabou tendo ainda uma pequena rixa, que acabou crescendo, com uma outra torcida do próprio Flamengo. Acaba gerando, por tabela, quando tem...

D.Z. – É coisa que não deveria existir. O que deve prevalecer é o respeito. Infelizmente, gerou esse problema, porque a outra torcida do Flamengo é unida com uma torcida rival, uma torcida adversária. A gente precisa mudar um pouco isso de rival. Nossos adversários. Eu acho que se fosse visto dessa forma, a coisa melhoraria. E também tem o outro eixo de torcidas, que são torcidas que... Por exemplo, torcida do Palmeiras aliada a torcida do Vasco, Bahia, Coritiba. Aí já é um outro eixo.

B.B. – Aí não tem diálogo, não é?

D.Z. – Aí não tem... Tem o diálogo nesses seminários.

B.G. – Isso que eu ia perguntar. Existe a vontade das outras torcidas em ter diálogo? Eles buscam essa [inaudível]?

D.Z. – Eu acredito que por uma parte sim. Por uma parte sim. Eu acho que existem dirigentes de torcida que têm essa vontade, esse comprometimento de pelo menos se ter o respeito. Amizade fica um pouco difícil. Amizade é uma coisa que você constrói, que você cria. Mas o fator de você, por exemplo, se desarmar já é uma grande coisa. É por isso que entra o papel do governo, institucional, de promover encontros entre essas lideranças, trazendo alguns dos seus diretores... Porque não adianta só trazer o presidente, não. Você tem que trazer o seu diretor. Eu, normalmente, quando eu fazia o trabalho de mediação, eu procurava envolver pessoas que brigavam. Me falavam: “Como que você...?”

B.B. – [Inaudível].

D.Z. – Porque aí eu punha para conversar. Eu sempre ia, numa reunião, acompanhado de um dos líderes de bairro, e aí o que acontecia? Começava a gerar um certo respeito daquela reunião. E aí o cara já conhecia aquele, aí conhecia o outro. Já não conhecia por nome, conhecia no dia

a dia. Isso começou a dar certo. Mas, infelizmente, pelo ego e a vaidade do ser humano, e também por alguns confrontos que existiram, inclusive com a minha instituição, também, isso também gerou um afastamento. E aí você perde o norte da coisa: tudo aquilo que você construiu durante um ano, dois anos cai à tona. Que é o que a gente gostaria. A gente gostaria que as famílias, as crianças... Hoje, por exemplo, nos jogos do São Paulo, eu tenho visto muitas famílias, muitas crianças, que é o que a gente faz no Carnaval. No Carnaval, a gente tem a presença da família. E lá não precisa ser são-paulino. Ele pode torcer para outro clube e ele é bem-vindo. A gente gostaria que no futebol existisse esse respeito.

B.B. – A escola de samba é uma entidade jurídica à parte da Torcida...?

D.Z. – À parte. Nós temos um outro endereço comercial, nós temos um CNPJ, uma outra diretoria. Torcida organizada e a escola de samba. O grupo, num todo, é praticamente o mesmo, só que ele é dividido nas ações do futebol e nas ações do Carnaval. E no Carnaval, graças a Deus, tem dado muito certo.

B.B. – Você participa?

D.Z. – Ativamente.

B.B. – Desfila?

D.Z. – Ativamente. Sou o atual diretor de Carnaval da Escola de Samba Independente, sou fundador da escola, também...

B.B. – Que é de que ano?

D.Z. – É de 1987. Nossa escola é de 1987. Nós iniciamos o trabalho com um bloco carnavalesco, ficamos fora do Carnaval durante dez anos, retornamos no Grupo 4 e hoje estamos ascendendo já ao Grupo Especial, estamos no Grupo de Acesso.

B.B. – Você já gostava de Carnaval?

D.Z. – Sempre gostei. Sempre gostei por causa da bateria da Torcida. Tudo começou com a batucada na arquibancada. Então isso despertou... Eu fui componente de uma outra escola de samba, campeoníssima daqui de São Paulo, o Camisa Verde e Branco, da Barra Funda, onde fui ritmista e fui harmonia lá, e isso é muito importante. Depois, com o advento do crescimento da Independente no Carnaval, eu tive que optar, até por uma questão de regulamento. Antes nós fazíamos parte da Uesp – União das Escolas de Samba Paulistanas; agora nós fazemos parte da Liga. E aí você tem que escolher: ou uma, ou outra. E aí logicamente que meu coração falou mais alto. Começou com meu pai, há 42 anos atrás. Mas tenho um grande respeito pelo pavilhão da outra escola de samba, que é o Camisa Verde. Isso mostra que lá é uma escola que tem torcedores de todos os clubes. E é isso que nós estamos implantando hoje na nossa Escola de Samba Independente. A maioria, a predominância é de torcedores do São Paulo, da Torcida Independente, mas temos torcedores de todos os clubes lá. E são respeitados.

B.B. – Vamos então abordar um último aspecto, que é muito importante nos dias de hoje porque tem a ver com essa mudança do perfil do torcedor dentro do estádio. A gente sabe que hoje a presença da televisão faz com que os jogos de meio de semana sejam às dez horas da noite, a torcida sai do estádio meia-noite, existem dificuldades de locomoção e, ao mesmo tempo, a gente tem o encarecimento do preço dos ingressos, que é cada vez mais caro, mais difícil, até mesmo pela redução da capacidade do estádio. Como que a torcida organizada...? Qual o lugar da torcida organizada nesse espetáculo, que é cada vez mais voltado para a televisão e para o business, vamos dizer assim?

D.Z. – A torcida organizada é a resistência a tudo isso. Nós somos aquele torcedor que vamos semanalmente, mensalmente, anualmente nos jogos, seja com ingresso barato ou com ingresso caro. O que eles estão querendo fazer é elitizar o futebol. E nós somos contra elitizar o futebol. O futebol é popular. Ele é uma das únicas coisas do nosso país que ainda resiste. É o futebol e o Carnaval. Quando se faz um jogo dez horas da noite, não se está pensando no torcedor, se ele vai ter meio de transporte para voltar, se ele vai ficar de madrugada na rua, se ele vai ficar à mercê de uma violência durante a madrugada, ou se pensam em ninguém. Copa no Mundo no Brasil. Da hora, legal. Mas não foi para o brasileiro. A Copa do Mundo foi para o turista. Eu gostaria muito que os meus irmãos brasileiros, aqueles que frequentam o estádio no dia a dia,

tivessem acesso. Ingresso muito caro, exorbitante. Isso tira o foco do verdadeiro torcedor. Eu sou contra... Eu sou a favor de bons estádios e bons serviços, mas sou contra arenas. Arena é para show, é para rodeio. Eu sou a favor do estádio de futebol, a arquibancada, que o cara possa sentar e que o cara possa pular. Ele não quer ficar no meio de uma torcida organizada, ele tem que ser respeitado, ele fica próximo, ele senta num outro setor. Mas aquele que ama o clube, ele quer gritar, ele quer pular, ele quer esbravejar. É o único lugar que ele tem para se... talvez, até para expor toda a sua alegria ou a sua frustração de vida. Então, o futebol moderno, não adianta, eles podem condicionar pessoas, mas torcida organizada, eles não vão condicionar. Nós somos a favor de um bom espetáculo, uma boa organização, preço justo, ingresso barato para aquele que vai toda semana, para que os dirigentes de clube pensem nisso. Porque as redes de televisão só pensam no lado comercial; eles não estão preocupados com aquele torcedor que não vai ter um trem, não vai ter um metrô de madrugada. Depois ele fica na madrugada numa porta de estação, à mercê de um ataque de um grupo rival, como aconteceu recentemente. Então tem que se pensar em tudo. A pessoa tem que ter um alimento barato, de qualidade. Era muito melhor quando nós tínhamos a barraquinha vendendo o famoso pernil na porta do estádio. Era um preço barato, todo mundo comia bem, ficava feliz. Hoje você é obrigado a comer dentro do estádio, pagar caro por umas bolinhas de queijo. Então eu sou ainda adepto da festa das torcidas na arquibancada. Uma coisa que eu gostaria de frisar com autoridades: vamos voltar com a festa nos estádios, com as bandeiras nos estádios, vamos dar vazão para a festa. Eu acho que isso ameniza o lado explosivo do torcedor. Vamos fazer a festa com as bandeiras. Antigamente se fazia uma linha de bandeiras entrando na arquibancada. Eram 50 a 60 bandeiras. Tudo bem, tem o mastro? Nomina num papel quem é o portador daquele mastro, o responsável, faz uma lista com o nome, RG, tudo.

B.B. – Agora você encaminhou o ponto político. Quer dizer, algumas torcidas até têm, hoje em dia, projetos políticos de ter participação... Porque, por exemplo, as bandeiras são vetadas pela Assembleia Legislativa. Você acha possível ter alguma influência política...?

D.Z. – Na realidade... Eu vou até fazer uma pequena correção. Ela não foi vetada pela Assembleia. Ela foi aprovada pelos deputados estaduais. Eu estive ali na frente desse projeto, junto com as outras lideranças de torcida. Foi vetado pelo veto do governador do estado, a pedido da Polícia Militar do 2º Batalhão de Choque. O Ministério Público se mostrou

favorável; a Polícia Civil não se opôs; a imprensa, de uma forma geral, apoiou; e quando foi para ser promulgado, houve o veto do governador do estado, a pedido da Polícia Militar do estado, com medo de confrontos, mortes. Mas não existe nenhum dado específico de confronto com mastro de bandeira.

B.B. – E você acha que a torcida pode ter uma atuação política, com um vereador?

D.Z. – É lógico.

B.B. – Você é a favor da participação...?

D.Z. – Eu acho que a participação deve ser total. A participação tem que ser de todos os envolvidos, principalmente os representantes do povo. Eles têm que entender que a festa tem que dar vazão nos estádios. A competição...

B.B. – A Independente já lançou candidato?

D.Z. – Nós apoiamos alguns candidatos, nessa última eleição. Eu acredito que na próxima eleição nós teremos candidato próprio. Chegou a hora. Ou melhor, já passou da hora. E a gente eleger alguém que tenha o nosso ideal, que saiba defender a nossa classe. Até hoje a gente apoiou inúmeros políticos, e que não deu uma resposta para a nossa instituição. Então nós já estamos pensando em alguns nomes, para que saiam nesse projeto à frente, já para as futuras eleições. E eu acho que isso é muito importante.

B.B. – Você se candidataria?

D.Z. – Sou um dos nomes cotados. Sem presunção, sou um dos nomes cotados. Inclusive fui convidado, já nessa última eleição agora, mas não me vi, ainda, com respaldo para assumir essa envergadura, essa investidura. Mas uma coisa eu posso ter certeza, que eu vou pensar muito não só na minha instituição, mas vou pensar muito no jovem, que é o futuro do nosso país, os anseios, os sonhos. A gente quer que esse jovem tenha uma qualidade de vida. É o que falta. E é o que, muitas vezes, ele encontra dentro das torcidas organizadas, que se torna a maior

família. Hoje, por exemplo, a minha família é a Torcida Independente, é a Escola de Samba Independente. Infelizmente, eu não tenho mais meus heróis. E foi na falta dos meus pais que eu tive todo o amparo e resguardo dessa casa. Eu tenho uma gratidão muito grande. Eu posso até discutir muitas vezes com um colega meu daqui de dentro, no calor da emoção, mas eu tenho um respeito por essa instituição muito grande. É uma instituição em que eu nasci, cresci e vou morrer aqui.

B.B. – Bom, chegamos ao encerramento desse depoimento de Danilo. Queria agradecer você, Danilo, por você deixar uma mensagem para os colegas do Museu do Futebol, para o público do Museu do Futebol, que agora vai poder também conhecer um pouco da sua história, da sua trajetória, da sua relação com a Torcida Independente, e te agradecer muitíssimo pela sua abertura aqui para conversar conosco com toda a paciência, em quase duas horas de depoimento. Muito obrigado.

D.Z. – Para mim é uma honra. Agradeço, motivado agora por forte emoção, porque é importante a gente passar... Passa um filme na minha cabeça, com toda aquela história de vida. São 42 anos à frente, no dia a dia de uma instituição. O que eu desejo: para que todos os torcedores tenham muita paz, para que eles honrem os seus clubes, as suas instituições, e que a coisa fique só na alegria, na festa. A rivalidade vai sempre existir, mas que seja sempre voltado para o lado benéfico, para que seja no lado positivo. Eu deixo aqui meu agradecimento à Torcida Tricolor Independente, a todos meus irmãos, que hoje é a maior família tricolor do Brasil. Muito obrigado a todos, muita paz.

[FIM DO DEPOIMENTO]